

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

JEAN CARLOS DA SILVA

VIOLÊNCIA: LIMITES E POSSIBILIDADES NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

PATOS DE MINAS
2014

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

JEAN CARLOS DA SILVA

**VIOLÊNCIA: LIMITES E POSSIBILIDADES NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia. Para finalidade de obtenção do título de Bacharel em Psicologia, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientadora: Profa. Ma. Constance Rezende Bonvicini

PATOS DE MINAS
2014

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

JEAN CARLOS DA SILVA

**VIOLÊNCIA: LIMITES E POSSIBILIDADES NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em
25 de Novembro de 2014.

Orientador: Profa. Ma. Constance Rezende Bonvicini
Faculdade Patos de Minas

Examinador 1: Profa. Ma. Eva Mendes Monteiro
Faculdade Patos de Minas

Examinador 2: Prof. Me. Arthur Siqueira de Sene
Faculdade Patos de Minas

DEDICO este trabalho a Deus e minha família que, com muito carinho e paciência, sempre me incentivaram, não permitindo que eu desistisse do sonho agora realiza

AGRADECIMENTO

A Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Aos meus pais, irmã, minha filha Karoline, a sempre companheira Cleide e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

À professora Raquel Fonseca pelo exemplo de profissional dedicado e comprometido para o desenvolvimento do conhecimento de seus alunos.

À professora Constance pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão deste artigo.

Ao professor Gilmar Antoniassi, coordenador do curso, pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão e amizade sempre.

Há dois modos de escrever. Um, é escrever com a ideia de não desagradar ou chocar ninguém... Outro modo é dizer desassombradamente o que pensa, dê onde der, haja o que houver - cadeia, força, exílio.

Monteiro Lobato

VIOLÊNCIA: LIMITES E POSSIBILIDADES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

FORMS OF VIOLENCE IN CONTEMPORARY SOCIETY

Jean Carlos da Silva¹

Graduando do Curso de Psicologia. Faculdade Patos de Minas.

Constance Rezende Bonvicini²

Mestre em Administração. Faculdade Patos de Minas.

RESUMO

Este artigo é resultado de um estudo sobre as formas de violência na sociedade contemporânea. A escolha desta temática aconteceu diante do interesse pessoal em aprofundar os conhecimentos para melhor atender tanto as vítimas de violência quanto os protagonistas de atos violentos que acabam sendo levados pela justiça para dentro dos sistemas prisionais. O estudo de revisão bibliográfica utilizou-se de dados retirados de artigos científicos, sendo realizado o levantamento virtual das produções acadêmicas por meio de bases de dados científicos confiáveis como: Lilacs, Bireme e Scielo. Concluiu-se com esta pesquisa que várias são as formas de ação da violência, mas que é possível planejar estratégias psicológicas e de gestão para o enfrentamento deste mal que assombra a sociedade num todo, atuando desde a violência sistêmica até a violência estrutural.

Palavras-Chave: Violência Estrutural. Violência Sistêmica. Vítimas da violência.

¹ Orientando

² Professora Orientadora. Docente do DPGPSI/FPM

ABSTRACT

This article is the result of a study on the forms of violence in contemporary society. The choice of this theme occurred in the face of personal interest in deepening the knowledge to better serve both the victims of violence as the protagonists of violent acts that end up being taken by justice into the prison systems. The literature review study used data taken from scientific articles, being carried out the survey of virtual academic productions by means of reliable scientific data bases as: Lilacs, Bireme and Scielo. This research concluded that various forms of violence, but that action is possible psychological strategies and management plan for the confrontation of this evil that haunts a whole society, operating since the systemic violence until the structural violence.

Keywords: Structural Violence. Systemic Violence. Victims of violence.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como lócus de investigação a definição de violência, os tipos de violência e o perfil sociodemográfico relacionado ao cometimento de atos violentos.

A violência, seja qual for a maneira como ela se manifesta, é sempre uma derrota à dignidade da vida, à liberdade do ser humano. Pesquisas apontam para o crescimento desenfreado da incidência da violência em escala global, impactando diretamente na vida de pessoas e coletividades. Notoriamente, reconhece-se que se trata de um problema de saúde pública, pois qualquer ato que comprometa a integridade física ou psicológica, causando danos a quem sofre, é denominado violência (1).

Há indicativos de que existem muitas formas de resolução de conflitos, dentre as quais o mecanismo punitivo institucionalizado. Percebe-se que as práticas punitivas são vistas como uma possibilidade de transformação do indivíduo através da ressocialização. Por outro lado, tornaram-se medidas por vezes inconsequentes e causadoras de desordem social. Tais práticas são percebidas pela sociedade e

modificam-se conforme o momento histórico, o que influencia as formas de prevenção ao delito, bem como o tratamento dado ao transgressor (2).

Os diversos tipos de violência que incluem desde a violência física contra a criança, adolescente, idoso, mulheres até a violência psicológica, são partes do objeto de estudo desta pesquisa de revisão bibliográfica. Nela, será definido o que é violência, os tipos e, como objetivo geral, verificar-se-á as causas da mesma e suas consequências na sociedade.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi produzido utilizando a metodologia de revisão bibliográfica que “é uma pesquisa teórica que tem por objetivo estudar um foco ou um assunto, não apenas citando partes desses textos, repetindo o que já está escrito, mas sim, conseguir ter uma visão crítica daquilo que está escrito, é uma atividade científica que ajuda a descobrir e entender a realidade”. Além disso, foram utilizados dados retirados de artigos, sendo realizado o levantamento virtual das produções acadêmicas por meio de bases de dados como: Scielo, Lilacs, Bireme e de revistas científicas (3).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CARACTERIZAÇÃO DE VIOLÊNCIA

As diversas definições de violência e suas mais variadas formas vêm sendo mencionadas nos últimos anos como um grave e relevante problema em diversos países, em virtude de sua tendência crescente, inclusive no Brasil (4).

A violência estrutural marcou a violência do comportamento e se aplica tanto às estruturas organizadas e institucionalizadas da família quanto aos sistemas econômicos, culturais e políticos que conduzem à opressão de grupos, classes, nações e indivíduos. A esses são negadas conquistas da sociedade, tornando-os

mais vulneráveis que outros ao sofrimento e à morte. Essas estruturas influenciam intimamente as práticas de socialização, levando os indivíduos a aceitar ou a infligir sofrimentos, segundo o papel que lhes corresponda, de forma “naturalizada” (5).

A violência sistêmica brota da prática do autoritarismo, profundamente enraizada, apesar das garantias democráticas tão claramente expressas na Constituição de 1988. Suas raízes, no Brasil, encontram-se no passado colonial. Ainda hoje, as manifestações da violência sistêmica são inúmeras, e o Estado tem se mostrado bastante ineficaz no combate à tortura legal e aos maus-tratos aos presos, bem como à ação dos grupos de extermínio (5).

A Organização Mundial da Saúde define a violência como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação (6). Encontram-se ainda outras definições que vão desde ações com o uso da força que vão contra a natureza de alguém, coação, constrangimento, tortura, brutalização, intimidação, amedrontamento, aterrorização, entre outros atos que vão contra a vontade com ou sem abuso físico (7).

Etimologicamente, o termo violência vem do latino *violentia*, que significa veemência, impetuosidade como uma força, ou seja, é a aplicação de uma força sobre algum objeto ou fato. No entanto a sua origem está relacionada com o termo do latim violare, que significa violação (8).

Na comunidade internacional de direitos humanos, a definição de violência vai muito além da força, ela é compreendida como todas as violações dos direitos civis como a vida, propriedade, liberdade de ir e vir, de consciência e de culto, direitos políticos como direito a votar e a ser votado, ter participação política, os direitos sociais de habitação, saúde, educação e segurança, os econômicos, emprego e salário, e até mesmo os direitos culturais de manter e manifestar sua própria cultura (8).

Muitas vezes, a violência é emblemática e se realiza sem que seja percebida como violência propriamente dita, até mesmo por quem é por ela vitimizada, pois se insere em tramas de relações de poder naturalizadas (9). Alguns a conceituam muitas vezes de forma indiscriminada para referirem-se a agressões, incivildades, hostilidades e intolerâncias. Ainda que, em perspectiva ética geral ou

dos sentimentos da vítima, podendo ser visto como violação de direitos, principalmente quando se trata de crianças, jovens e dos limites conceituais (10).

De forma mundial, a violência é conhecida como questão social e de saúde pública, sendo assim violação de direitos, embora com expressões variadas em diferentes contextos. Destarte a desigualdade de direitos e os conflitos sociais acentuados no Brasil, onde é notório o crescimento das taxas de violência nas suas mais distintas modalidades, o crime comum, violência fatal conectada com o crime organizado, graves violações de direitos humanos, explosão de conflitos nas relações pessoais e intersubjetivas. Em especial, crimes contra crianças, adolescentes, crime contra a mulher e contra o idoso, e a emergência do narcotráfico, tem grande parte de sua responsabilidade na construção do cenário de insegurança coletiva (11).

Estudos mostram que a violência aparentemente é algo vivido pelo homem desde sua existência, como demonstrado em estudos sobre a idade da pedra, ou até antes desta existência como mostrada nas lendas e na mitologia. Mas a preocupação quanto a este tema, e o questionamento quanto ao problema que esta violência se transformou é bem recente, mostra-se a partir do século XIX (12).

O comportamento biológico é apontado como a primeira raiz da violência humana, sendo o homem um ser contraditório, incoerente, dotado de instintos além da razão. Os autores avançam dentro de uma análise mais ampla quando apontam como outra causa a estrutura da sociedade dividida em classes, baseada no processo de opressão e espoliação de uma classe sobre a outra (12).

A violência da desigualdade social existe, não porque o homem assim o quis, ou por ser uma decorrência natural do viver em sociedade, mas porque ele aparece em condições históricas específicas. Continua-se a perpetuar, é porque essas condições também se perpetuam, mesmo que modifiquem sua maneira de aparecer (12).

A partir do período colonial, no Brasil, houve “a catequização dos índios” que funcionou como um adestramento desta população à imposição da cultura portuguesa. E para que isso se fizesse possível foi usado todo tipo de violência, principalmente contra a mulher. Os abusos sexuais cometidos contra as índias demonstravam o início de uma cultura de desrespeito e autoritarismo masculino. Os portugueses exploravam a força de trabalho indígena, seus corpos e alienando suas consciências, uma fusão da violência física, sexual e psíquica (12). Em seguida,

outro grupo veio a sofrer com os primórdios da violência, a tão conhecida chegada dos escravos, domados aos seus senhores, refletindo uma realidade não menos cruel: foram expostos às maiores crueldades, tendo ignorada a sua condição de seres humanos, sofreram todas as formas de violência (12).

E assim é importante ressaltar que daí foram gerados os filhos do Brasil, da miscigenação de todos estes indivíduos, incluído os portugueses, filhos estes da violência e muitas vezes dos estupros. Dentro do sistema escravista, identificamos mais uma classe que sofreu com a violência, sendo esta a mais frágil e muitas vezes sem entendimento para compreender tanta crueldade: as crianças e os adolescentes (12).

Já no próprio ventre, as crianças negras iniciavam uma vida de opressão, pois a maternidade em muitos casos era uma arma contra a fome e a miséria. A negra, após o parto, era valorizada como ama de leite e alugada, sendo tratada com menos violência, passava a morar em uma casa melhor, a fazer os serviços mais leves e ganhava roupa mais apresentável, que para elas era um sonho, sendo a maternidade então como uma ideia fixa para todas estas mulheres (12).

No século XX, foi constatado que os problemas relacionados à violência continuavam sem muitas explicações precisas e que isso prosseguia na década de 1960. Mas, a partir do século XXI, percebe-se o desenvolvimento na pesquisa dos acontecimentos e o interesse das mais variadas áreas. Porém, o fenômeno da violência ainda precisa de muitas pesquisas (12).

A sociedade brasileira enfrenta algumas situações de violência como o crescimento da delinquência urbana e de homicídios dolosos, a emergência da criminalidade organizada, em particular o tráfico internacional de drogas. Tudo isso modifica os modelos e perfis convencionais da delinquência urbana e propõe problemas novos para o direito penal e para o funcionamento da justiça criminal, gravíssimas violações de direitos humanos que comprometem a consolidação da ordem política democrática. A cada dia a mídia relata ainda mais a violência urbana e nota-se a ênfase nos crimes contra mulheres, crianças, idosos e o envolvimento de jovens e adolescentes no narcotráfico (12).

TIPOS DE VIOLÊNCIA

As cidades industriais, da virada dos séculos XIX-XX, transformaram-se em cenário das contradições socioeconômicas: de um lado, riquezas avassaladoras

foram se acumulando graças à exploração do proletariado; de outro, uma pobreza estonteante visível nas ruas pela circulação de uma massa de desamparados institucionais distante do mínimo necessário à sobrevivência humana (13).

O caos social presente nas ruas das cidades inglesas do século XIX exibiu uma população que estava sujeita à violência pela falta de emprego, habitação digna e, de modo geral, de atendimento social. A miséria, a desnutrição, a prostituição e a delinquência espalhavam-se nas classes mais pobres da população. Pelo grande número de vítimas e pelo tamanho das sequelas orgânicas e emocionais produzidas pela violência, o início do século XXI tornou-a um grave problema de saúde pública em vários países (13).

No Brasil, a criminalidade entre jovens é espantosa, haja vista suas participações no tráfico de drogas e nas ações criminosas em geral. Jovens perdidos, sem referência e sem formação adequada, transgridem as regras como um todo pela impossibilidade de passar comodamente nesta nova era histórica. O mapa da violência de 2011 mostra que os avanços da violência homicida no Brasil tiveram como eixo a vitimização de jovens. Desde o ano 2000, as causas externas ocupam a terceira posição na causa de óbitos no país, além de serem responsáveis pela expressiva quantidade de internações hospitalares (14).

Num recorte para as agressões interpessoais, destacam-se os atos de violência impetrados no âmbito doméstico e, em específico, contra mulheres, idosos e crianças. Estudos conduzidos em serviços de saúde sobre a violência contra a mulher demonstraram sua elevada prevalência, variando de 30% a 60% a proporção de mulheres que relataram terem sido vítimas de violência doméstica de natureza emocional, física ou sexual ao menos uma vez na vida (15).

Já em relação à infância, no estado do Rio de Janeiro, verificou-se que no início da década de 1990, cerca de 70% dos homicídios de crianças de zero a 11 anos foram praticados pelos próprios familiares (16).

A violência contra os idosos também é intensa e disseminada nas sociedades. Apesar de muitas vezes naturalizados na sociedade e nas relações familiares, os casos de abusos físicos, sexuais, psicológicos e financeiros contra idosos são alarmantes no país (17).

Tendo em vista as especificidades da violência, apontam-se algumas subdivisões, importantes para o desenvolvimento deste trabalho. O termo violência

contra a mulher foi dado pelo movimento social feminista há pouco mais de vinte anos (18).

A expressão violência contra a mulher refere-se a situações diversas quanto aos atos e comportamentos cometidos: violência física, assassinatos, violência sexual e psicológica cometida por parceiros (íntimos ou não), estupro, abuso sexual de meninas, assédio sexual e moral (no trabalho ou não), abusos emocionais, espancamentos, compelir a pânico, aterrorizar, prostituição forçada, coerção à pornografia, o tráfico de mulheres, o turismo sexual, a violência étnica e racial, a violência cometida pelo Estado, por ação ou omissão, a mutilação genital, a violência e os assassinatos ligados ao dote, violação conjugal, violência tolerada perpetrada pelo Estado etc. (18).

A violência contra a mulher inclui, ainda, por referência ao âmbito da vida familiar, além das agressões e abusos já discriminados, impedimentos ao trabalho ou estudo, recusa de apoio financeiro para a lida doméstica, controle dos bens do casal e/ou dos bens da mulher exclusivamente pelos homens da casa, ameaças de expulsão da casa e perda de bens, como forma de coerção ou punição por comportamentos que a mulher tenha adotado (18).

A violência parece estar ligada à criminalidade e passa a ser usada para expressar o que ocorre no espaço público, quando é cometida por desconhecidos. Quando os problemas ocorrem com vizinhos, colegas de trabalho e escola, não são reconhecidos como violência. O termo violência também indica que a situação é grave, o que, culturalmente, parece significar que a violência doméstica, embora concretamente severa, não é representada como tal. Dentre os tipos de violência, a do tipo sexual é a mais associada ao conceito de violência (18).

Será definida também a violência psicológica. Essa constitui toda forma de rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito, cobranças exageradas, punições humilhantes e utilização do homem, mulher, idoso, adolescente e criança para atender às necessidades psíquicas de outros (18).

Todas essas formas de maus-tratos psicológicos causam danos ao desenvolvimento e ao crescimento biopsicossocial dos envolvidos, podendo provocar efeitos muito adversos na formação de sua personalidade e na sua forma de encarar a vida. Pela falta de materialidade do ato que atinge, sobretudo, o campo emocional e espiritual da vítima e pela falta de evidências imediatas de maus-tratos, esse tipo de violência é um dos mais difíceis de serem identificados (18).

Outra forma de violência a ser ressaltada é o assédio moral. Este é definido como sendo atos cruéis e desumanos que caracterizam uma atitude violenta e sem ética nas relações de trabalho, praticada por um ou mais chefes contra seus subordinados. Trata-se da exposição de trabalhadoras e trabalhadores a situações vexatórias, constrangedoras e humilhantes durante o exercício de sua função. É o que chamamos de violência moral. Esses atos visam humilhar, desqualificar e desestabilizar emocionalmente a relação da vítima com a organização e o ambiente de trabalho, o que põe em risco a saúde, a própria vida da vítima e seu emprego. A violência moral ocasiona desordens emocionais, atinge a dignidade e identidade do ser humano, altera valores, causa danos psíquicos, interfere negativamente na saúde, na qualidade de vida e pode até levar à morte (19).

A violência física é a ação ou omissão que coloque em risco ou cause dano à integridade física de uma pessoa. Tem-se a violência institucional que é um tipo de violência motivada por desigualdades (de gênero, étnico-raciais, econômicas etc.) predominantes em diferentes sociedades. Essas desigualdades se formalizam e institucionalizam nas diferentes organizações privadas e aparelhos estatais, como também nos diferentes grupos que constituem essas sociedades (20).

Existe ainda a violência patrimonial que se dá pelo ato violento que implique dano, perda, subtração, destruição ou retenção de objetos, documentos pessoais, bens e valores (20).

PERFIL SOCIAL E ATOS VIOLENTOS

A literatura aponta os pais, padrastos e vizinhos como os principais responsáveis pelos casos de violência sexual. O abuso cometido por pessoas conhecidas e de confiança distorce a realidade e a visão de mundo da criança, uma vez que o ambiente onde ela poderia sentir-se segura passa a ser o palco privilegiado para o agressor. As ameaças físicas, verbais e até por armas de fogo não podem ser enfrentadas por estas crianças ou adolescentes e contribuem para o descrédito quanto a uma concepção de vida e mundo socialmente mais justos (21, 22).

A violência doméstica pode ter início de forma lenta e silenciosa, que

progredir em intensidade e consequências. Constatou-se que a grande maioria são geralmente parceiros, cônjuges com idade a partir de 35 anos, baixa escolaridade, da raça branca e com emprego fixo. A violência, em suas primeiras manifestações, não lança mão de agressões físicas, mas passa a limitar a liberdade individual da vítima, avançando para o constrangimento e humilhação (23).

Com o passar do tempo, as atitudes do agressor mudam, tornando-se mais evidentes, mas ainda sutis. Então, a violência psicológica doméstica passa a manifestar-se verbalmente, com humilhações privadas ou públicas, exposição à situação vexatória, como no caso de ridicularizar a vítima, chamando-a por apelidos ou características que lhe causam sofrimento (23).

A violência contra idosos no âmbito familiar é considerada como a mais frequente forma de agressão. Estudos demonstram que 90% dos casos de maus-tratos e negligência contra as pessoas acima de sessenta anos ocorrem nos lares. As pesquisas revelam que cerca de dois terços dos agressores são filhos, cuidadores e cônjuges dos idosos vitimizados (24).

Os espaços públicos como ruas, bares e outros locais, são considerados como os principais cenários para a ocorrência de eventos violentos, especialmente quando envolvem agressores e vítimas do sexo masculino (25).

No espaço privado do lar ocorre a maior incidência das violências contra o sexo feminino. O domicílio é o lugar onde grande parte dos eventos violentos toma lugar, favorecendo a ocorrência de agressões e abusos contra crianças, adolescentes, mulheres e idosos. Ao permanecer mais tempo em seus lares, essas pessoas acabam sendo violentadas, agredidas, espancadas e outras formas de violência dentro desse ambiente privado (26).

Qualquer membro da família pode se tornar, em determinadas circunstâncias, vítima ou autor de violência. As crianças, adolescentes e os idosos, entretanto, mais indefesos e dependentes da família e da sociedade, são as principais vítimas desse tipo de violência, tanto em extensão como em gravidade dos danos e suas consequências (26). A associação entre o uso de álcool e o exercício da violência são na maioria das vezes agentes desinibidores que facilitam a ocorrência destes eventos (27).

O uso abusivo de bebidas alcoólicas nos fins de semana, associado a fortes pressões socioeconômicas, estilo educacional rígido e punitivo, ambiente sociocultural complexo e exigente, com frequência, conduz essas famílias a

comportamentos violentos, impulsionados e modulados por esses mesmos fatores (28).

DISCUSSÃO

É importante ressaltar que essa produção está relacionada aos resultados alcançados por movimentos sociais de direitos humanos, de direito da criança, da mulher e do adolescente, e também de outros métodos mais amplos e presentes em toda a sociedade, como o da consolidação democrática. Esse estudo buscou especificar situações de violência com o intuito de gerar conhecimento acadêmico, valorizando o mérito da socialização dessa produção.

Pesquisas estimam que, para 10.000 pessoas que morrem no trânsito, 50.000 resistem com sequelas, cujos encargos de tratamento e reabilitação são altos (29). A Associação Brasileira de Crianças Abusadas e Negligenciadas informa que, em 1992, no Brasil, houve cerca de 4,5 milhões de crianças vítimas de violência. Corroborando os estudos que ostentam, em abordagens espacialmente localizadas, que 33% das crianças e adolescentes relatam o tormento de atos violentos nas suas relações com os pais (30).

Um estudo realizado num hospital de Cali, na Colômbia, aponta que 41/1.000 dos pacientes pediátricos são atendidos com diagnóstico de problemas de maus-tratos. O autor relata também uma pesquisa realizada num hospital de Medellin, na Colômbia, para os anos de 1987 e 1988, em que foi comprovado que 73,8% das crianças maltratadas que buscaram os serviços são pertencentes de famílias que sobrevivem com menos de um salário mínimo, juntando-se, assim, a violência estrutural e a violência doméstica (31).

Um estudo sobre violência contra as mulheres informa que 35% das mulheres que recorrem aos hospitais nos Estados Unidos apresentam indícios de maus-tratos. Acrescenta, também, que estudos realizados nesse país demonstram que as mulheres maltratadas estão quatro a cinco vezes mais expostas a tentativas de suicídio, depressão, dores crônicas e uso de substâncias psicoativas. Os maus-tratos propiciam gravidez e maternidade com risco de morte tanto para o bebê

quanto para a gestante, e duplicam o risco de aborto e de nascimento com baixo peso (32).

Numa revisão de várias pesquisas canadenses sobre violência contra os idosos (33), estima que, naquele país, de 4% a 10% destes sofrem uma ou mais formas de abuso, sendo as mais frequentes de origem financeira (12,5%), verbal (1,4%) ou física (0,5%). Através da síntese dos dados de 30 investigações, o Congresso Americano também conclui que cerca de 4% da população de idosos do país (mais de 1 milhão de pessoas) são atropelados física, emocional e financeiramente por familiares e conhecidos.

No Brasil, devido à ausência de estudos, não cabe pensar sobre a situação, utilizando-se dos dados de mortalidade da população de mais de 60 anos, em que as altas taxas de causas externas estão vinculadas a atropelamentos e quedas. A situação do serviço público de saúde e a proporção dos que recebem um salário mínimo de aposentadoria (73%) sugerem a dimensão da tragédia (34).

Pesquisadores do Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde (Claves) analisam a situação de famílias e crianças que vivem nas ruas como uma expressão da violência estrutural, combinada com a cólera dos conflitos familiares. Do ponto de vista mais restrito da saúde, relatam a elevada frequência de invalidez entre homens, resultantes de ferimentos por armas de fogo e arma branca durante agressões em brigas de rua, além de sequelas de enfermidades como poliomielite e diabetes. A maioria menciona problemas mentais, desejo e tentativas de suicídio, bem como consumo de substâncias psicoativas, relacionados à sua situação de vida miserável. Num total de 63 famílias ouvidas houve relato de 14 homicídios de familiares (22%), sendo 9 (14,3%) referentes a menores de 18 anos (35-36).

A reflexão das questões acima revela a amplitude que a violência coloca para a Saúde Pública. Em síntese, além dos efeitos diretos e indiretos, físicos e simbólicos, sobre a população, os problemas classificados como “causas externas” congestionam serviços de saúde, aumentam os custos integrais da atenção e afetam a qualidade da cobertura do serviço público de saúde.

O atendimento imediato às vítimas e todo o esforço de reabilitação e readaptação representam, hoje, em países como o Brasil, uma sobrecarga dos serviços de emergência dos hospitais públicos, dos centros especializados e dos institutos médico-legais, indicando a necessidade de adequação de recursos

humanos e de equipamentos ao crescimento da demanda. Não se pode omitir, também, um efeito por vezes irradiado, por vezes direto, que a violência provoca sobre a estrutura e o funcionamento dos serviços públicos de saúde, sobretudo quando os conflitos por eles atendidos afetam os profissionais, pelo amedrontamento, pelas ameaças, pelos danos físicos e/ou psicológicos.

Destarte poderia ter sido incluído neste estudo as inúmeras formas de violência que vem cada vez mais se agravando de acordo com a demanda da população. Porém, foi estreitado este estudo com a finalidade de corroborar as principais formas de violência com as pesquisas já publicadas. Houve certo comedimento devido ao tema ser bastante amplo e com muitas pesquisas já publicadas em bases científicas. Isso deixa lacunas a serem preenchidas por pesquisadores interessados na área que é uma das mais importantes para a construção do sujeito social, o que sustenta a base de uma comunidade onde se possa viver com dignidade e qualidade de vida.

CONCLUSÃO

Esses são apenas alguns fatores a mostrar de como a Psicologia pode contribuir amplamente, desde a atenção às vítimas de violências até na construção de ações e políticas voltadas para a prevenção. Outra forma de contribuição é o acolhimento em serviços de atenção básica, que é a porta de entrada e o primeiro lugar onde se identificam as vítimas de todas as formas de violência, instaurar a necessidade de ações preventivas mais eficazes que trabalhe o sujeito de dentro para fora, como ser no mundo, não esquecendo de atuar no aumento de estudos direcionados para estratégias e planejamento dos recursos disponíveis para atender as necessidades que surgirão ao longo do tempo.

Por todos esses aspectos, a prevenção da violência para o setor de saúde nos traz à luz algumas considerações básicas. Primeiramente, devemos direcionar nossas energias para o pleno exercício da democracia e na luta por justiça social, atuando sobre a pobreza que é uma das causas mais diretas da violência. Por outro lado, devemos trabalhar observando as questões multifatoriais sobre o tema, bem como incentivar de maneira intersetorial, multiprofissional a

sociedade civil na luta pelo direito à dignidade e à cidadania.

Em virtude do que foi mencionado, pode-se dizer que os eventos violentos não são uma fatalidade, não são acidentais e menos ainda falta de sorte, eles podem ser prevenidos e evitados. E, conseqüentemente, pode-se construir e viver numa sociedade com menos violência.

REFERÊNCIAS

1. Minayo MCS. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. CSP. 1994;(10 Suple1):7-18.
2. Zaffaroni ER. O inimigo no Direito Penal. Trad. Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
3. Marconi MA, Lakatos EM. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas; 2006. pg.71-75.
4. Guimaraes JMX. Estudo epidemiológico da violência por arma branca no município de Porto Grande Amapá. Ciênc Saúde Coletiva. 2005 jun;10(2):441-451.
5. Direitos Humanos Net. [acesso em 26/08/2014]. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/violencia/violencia.html>
6. World Health Organization. Global consultation on violence and health. Violence: a public health priority. Geneva: WHO; 1996 (document WHO/EHA/ SPI.POA.2).
7. Chauí M. Introdução à Filosofia. Porto Alegre: Ed. Bertand Brasil; 1999.
8. Berger PL, Luckman T. A Construção Social da Realidade. Petrópolis: Ed. Vozes; 1976.
9. Violência e saúde: estudos científicos recentes. Rev Saúde Pública 2006;40(N Esp):112-20.
10. ABRAMOVAY M. Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas. Brasília: Unesco; 2002.
11. Adorno S. Exclusão socioeconômica e violência urbana. Sociologias. 2002 jul/dez;4(8):84-135.
12. Casagrande MC, Peruzzolo AC. O fenômeno da violência e sua relação com meios de comunicação, comunicação humana e estado. LEVS. 2012 dez;10(1):237-255.
13. Dahlberg LL, Krug EG. Violence: a global public health problem. World Report on Violence and Health. Geneve. World Health Organization, 2002.

14. Ministério da Saúde (Brasil), Sistema de informações sobre mortalidade. [acesso em 08 maio 2014]. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/tabdata/cadernos/mg.htm>
15. Schraiber LB. Violência contra a mulher entre usuárias de serviços básicos de saúde da rede pública da grande São Paulo. RSP. 2007;41(3):359-67.
16. Soares BM. Mulheres invisíveis: violência familiar e formações subjetivas. [tese]. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro;1997.
17. Minayo MCS. Violência contra idosos: relevância para um velho problema. CSP. 2003;19(3):783-91.
18. Sacramento LT, Rezende MM. Violências: lembrando alguns conceitos. Rev Aletheia. 2006 jul-dez;10(24):95-104.
19. Cartilha Assédio Moral e Sexual no Trabalho. [acesso em 25/09/2014]. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D3CB9D387013CFE571F747A6E/CARTILHAASSEDIOMORALESEXUAL%20web.pdf>
20. Tipos de violência. Violências [Internet]. [acesso em 19/05/2014]. Disponível em: <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/tipos-de-violencias>
21. Costa MCO. O perfil da violência contra crianças e adolescentes, segundo registros de Conselhos Tutelares: vítimas, agressores e manifestações de violência. Ciênc Saúde Coletiva. Rio de Janeiro. 2007;12(5):1129-1141.
22. Ribeiro MA, Ferriani MGC, Reis JN. Violência sexual contra crianças e adolescentes: características relativas à vitimização nas relações familiares. CSP. 2004;20(2):456-464.
23. Silva LL, Coelho EBS, Caponi SNC. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. Rev Interface 2007;11(21):93-103.
24. Souza ER. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. Ciênc Saúde Coletiva 2005;10(1):59-70
25. Costa COM, Carvalho RC, Bárbara JFRS, Santos CAST, Gomes WA, Sousa HL. O perfil da violência contra crianças e adolescentes, segundo registros de Conselhos Tutelares: vítimas, agressores e manifestações de violência. Ciência & Saúde Coletiva. 2007;12(5):1129-1141.
26. Tavares ML. Abordagem da violência intrafamiliar no Programa Saúde da Família. Violência faz mal à saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2004. 205 p.
27. Zilberman ML, Blume SB. Violência doméstica, abuso de álcool e substâncias psicoativas. Revista Brasileira de Psiquiatria 2005;27(Supl II):51-55.
28. Melo ZM, Caldas MT, Carvalho MMC, Lima AT. Família, álcool e violência em

uma comunidade da cidade do Recife. *Psicologia em Estudo*. 2005;10:201-208.

29. Assis SG. Quando Crescer é um Desafio Social: Estudo Sócio-Epidemiológico sobre Violência em Escolares em Duque de Caxias [tese]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública; 1991.

30. Deslandes SF. Prevenir e Proteger: Análise de um Serviço de Atenção aos Maus Tratos na Infância [tese]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública; 1993.

31. Agudelo SF. Violencia y/o Salud: Elementos Preliminares para Pensarlas y Actuar. Washington DC: PAHO/OMS (Mimeo.) 1989.

32. Heise L. Violence against Women: The hidden health burden. Discussion paper prepared for the World Bank. Washington DC: World Bank. (Mimeo.) 1993.

33. Wolf RS. Maltrato en el anciano. In: Atención de los Ancianos: Um Desafío para los Noventa (E. Anzola-Pérez, ed.), WashingtonDC: Opas. (No prelo) 1994.

34. Minayo MCS. Os Limites da Exclusão Social: Meninos e Meninas de Rua no Brasil. São Paulo: Hucitec; 1993.

35. Minayo MCS, Assis SG. Violência e saúde na infância e adolescência: uma agenda de investigação estratégica. *Saúde em Debate*. 1993;39:58-63.

36. Minayo MCS, Souza ER. Violência para todos. *CSP*. 1993;9:65-78.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

Autor Orientando:

Nome completo: Jean Carlos da Silva

Endereço: Avenida Ouro Branco 355

Telefone: (34) 3822 - 5356

E-mail: jean.age@bol.com.br

Autor Orientador:

Nome completo: Constance Rezende Bonvicini

Endereço: Rua Tabelaão João Lopes 45

Telefone: (34) 3818 - 2300

E-mail: constancebonvicini@yahoo.com.br

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Patos de Minas, 20 de Dezembro de 2014.

Orientando: Jean Carlos da Silva

Orientadora: Profa. Ma. Constance Rezende Bonvicini